

## O FANZINE COMO FERRAMENTA DE LEITURA, INTERAÇÃO, COMUNICAÇÃO E INTERPRETAÇÃO NOS CONTOS DE CLARICE LISPECTOR<sup>1</sup>

*FANZINE AS A READING, INTERACTION, COMMUNICATION AND INTERPRETATION IMPLEMENT IN CLARICE LISPECTOR'S TALES*

Alexandre Roberto Camillo Flores<sup>2</sup> e Taís Steffenello Ghisleni<sup>3</sup>

### RESUMO

O artigo objetiva refletir sobre a experiência do uso de *fanzines* como ferramenta para ativar o interesse pela leitura e compreensão dos temas discutidos em contos da escritora Clarice Lispector. A atividade contou também com o objetivo de ampliar a integração e comunicação entre os alunos, funcionários e professores do Colégio Antônio Alves Ramos, a partir da distribuição dos *fanzines* produzidos em aula. A metodologia utilizada tem natureza qualitativa e apresenta um relato de experiência do primeiro autor. A produção de *fanzine* serviu como estímulo à leitura dos contos “Amor”, “Felicidade clandestina” e “Feliz Aniversário” e surgiu pela necessidade dos alunos por uma atividade de livre formatação, distribuição e expressão. Os resultados obtidos demonstraram que a atividade sugerida proporcionou uma forma mais estimulantes e incentivadora à leitura e interpretação dos textos.

**Palavras-chave:** contos de Clarice Lispector, educomunicação, leitura, interpretação, interação

### ABSTRACT

*The article aims to reflect on the experience of using fanzines as a tool to activate interest in reading and understanding the topics discussed in short stories by writer Clarice Lispector. The activity also had the objective of broadening the integration and communication among the students, staff and teachers of Colégio Antônio Alves Ramos, through the distribution of the fanzines produced in class. The methodology used has a qualitative nature and presents an experience report of the first author. The production of fanzine served as a stimulus for reading the tales “Love”, “Clandestine Happiness” and “Happy Birthday” and arose from the need of students for an activity of free formatting, distribution and expression. The results obtained showed that the suggested activity provided a more stimulating and encouraging way to read and interpret the texts.*

**Keywords:** Clarice Lispector's tales, educommunication, reading, interpretation, interaction

---

1 Artigo produzido para a disciplina de Educomunicação no Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana, UFN

2 Aluno do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana, UFN. E-mail: alexandrercf@gmail.com

3 Doutora em Comunicação. Professora do Mestrado em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana, UFN. E-mail: taisghisleni@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

Os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), do Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF) de 2018, do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que procuram analisar as práticas de leitura dos jovens brasileiros, confirmam as dificuldades de leitura dos alunos que ingressam no ensino superior e identificando-as na deficiência do ensino fundamental e médio. De cada 10 brasileiros, 3 têm muita dificuldade de fazer uso da leitura em situações cotidianas, como reconhecer informações em cartazes ou folhetos e entender manchetes de jornais ou revistas. Esses dados evidenciam a necessidade de implementar e fortalecer estratégias de ensino e aprendizagem, que estimulem a prática da leitura.

Neste artigo, nosso objetivo geral é expor como o uso de ferramentas educacionais pode melhorar a relação entre ensino e aprendizagem. Para tanto, foi necessário propor uma atividade com o uso de *fanzines*<sup>4</sup> para a leitura e interpretação dos temas discutidos em contos da escritora Clarice Lispector; distribuir os *fanzines* produzidos em aula para a comunidade escolar; e ainda, promover a integração e comunicação entre os alunos, funcionários e professores do Colégio Antônio Alves Ramos.

A origem do termo *fanzine* se dá através da junção das palavras inglesas “fanatic magazine”, que significa revista de fãs. Os *fanzines* são revistas produzidas artesanalmente e elaboradas por fãs de uma determinada temática e que desejam compartilhar suas ideias. Magalhães (1993, p. 10) reforça que “os *fanzines* são veículos amplamente livres de censura. Neles seus autores divulgam o que querem, pois não estão preocupados com grandes tiragens nem com lucro; portanto, sem as amarras do mercado editorial e de vendas crescentes”.

Um *fanzine* é um veículo simples de ser feito, com um baixíssimo custo de produção e uma força de comunicação considerável. O aluno que aprende a produzir um *fanzine* aprenderá a se expressar não apenas para a comunidade escolar como um todo, mas também para a comunidade extra-escolar (amigos, família, parentes), entendendo a comunicação como divulgação direta da ideia de quem produz sem visar ao lucro, o que mantém o que está escrito no papel mais próximo da intenção do autor (CAMPOS, 2009, p. 1).

A escolha do *fanzine* como auxílio para a interpretação e estímulo à leitura dos contos surgiu pela necessidade dos alunos por uma atividade de livre formatação, distribuição e mais que isso, livre expressão. Quando os alunos fazem uma leitura em sala de aula, muitas vezes sentem-se desestimulados pela aparente falta de finalidade ou pela simples interpretação do texto, pois não entendem sua funcionalidade e objetivos, as vezes não especificados pelo professor. No momento em que a leitura ganha um propósito e um objetivo específico, ou seja, a produção de um trabalho a partir da interpretação dos textos, desperta-se o interesse do aluno. A produção de *fanzines* para a compreensão

4 Consideramos o *fanzine* como uma prática educacional no contexto escolar, pois sua utilização em sala de aula auxiliou no processo de educação, desenvolvendo uma recepção mais ativa e crítica na leitura e interpretação dos textos.

dos textos torna-se uma atividade estimulante e mais adequada para jovens que querem encontrar propósitos para uma boa leitura.

O desinteresse pela leitura é um grande desafio enfrentado pelo professor em sala de aula, a origem desse problema pode vir pela falta de estímulo da família em casa, o contato tardio das crianças com os livros, a apresentação inadequada dos livros nas séries iniciais, a obrigatoriedade de leituras para vestibulares no ensino médio, enfim, problemas que não se deseja discutir no presente artigo, pois aqui pretende-se apresentar uma possibilidade mais estimulante de prática de leitura, como diz Vargas (1993, p. 24) “ler é colher conhecimento, é um ato criador, pois obriga a redimensionar o que está estabelecido, introduzindo um mundo em novas séries de relações e em um novo modo de perceber o que nos cerca.”

A intenção do presente artigo não é a análise dos motivos que levam os alunos a não se interessarem pela leitura ou terem dificuldades de interpretá-la, mas um simples relato de uma experiência em sala de aula, que estimulasse os alunos e despertasse o interesse pela leitura e seus significados. O que motivou a experiência do uso do *fanzine* como ferramenta de leitura foi a implementação de novas formas mais autênticas e estimulantes para incentivar a leitura e interpretação dos textos, pois é a relação ensino-aprendizado estão ligadas a responsabilidade do professor e sua vivência docente, por isso a escolha dessa ferramenta foi a maneira mais prática e diversificada para a leitura e entendimento dos contos de Clarice Lispector.

O envolvimento e a participação direta dos professores com o ato de educar, na busca da melhor compreensão teórica de seus conteúdos ou na vivência diária da docência, representam os componentes que parecem serem os denominadores comuns, alimentados pela identidade dos educadores, que, como diz Abrahão (2009, p. 23), “nos permite sintetizar práticas e experiências, tanto de formação dos docentes, como do exercício profissional”, pois são os profissionais que estão ligados diretamente na relação teoria - ensino - prática - resultados, assim sendo, seus relatos e experiências são os melhores exemplos a serem utilizados em pesquisas.

## **EDUCOMUNICAÇÃO E SEUS REFLEXOS NO ENSINO APRENDIZAGEM**

Soares (2014) relata que a Educomunicação, na sua origem Educação Midiática, pode ser definida como um conjunto de ações destinadas a integrar às práticas educacionais com os sistemas de comunicação, criando e fortalecendo ecossistemas comunicativos nos espaços de ensino. Dessa forma, a Educomunicação tem a intenção de melhorar a expressão e a comunicação nas ações educativas, através do planejamento e da interação entre alunos, professores e, até mesmo, membros da comunidade.

Na segunda metade do século XX a Educação Midiática despertou o interesse de muitos pesquisadores da Inglaterra, da Austrália e do Canadá, pela originalidade e abrangência de seus programas e pelo apoio que recebiam dos governos. Os Estados Unidos e a Europa incorporaram a

Educação Midiática nos seus parâmetros curriculares, no início do século XXI, para estimular e formar professores para o desenvolvimento de atividades nessa área. Na América Latina, o tema não chegou a despertar o interesse dos governos, ficando restrito à iniciativa de indivíduos, grupos isolados ou instituições formadas por religiosos, educadores, acadêmicos ou ativistas políticos do Movimento Popular e ONGs. Na Argentina e no Brasil o assunto é encontrado com frequência nos trabalhos das organizações não governamentais e na ação de acadêmicos da Educação e da Comunicação. A partir da contribuição das ONGs e das universidades, gerando pesquisas, orientações e metodologias de trabalho, que a questão da Educação Midiática começou a se aproximar dos interesses dos governos. Assim sendo, afirma Soares (2014, p. 54) “a educação para uma recepção ativa e crítica das mensagens midiáticas apesar de continuar sendo obra de pioneiros, avança com expectativas positivas para o futuro”.

A leitura do artigo “Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica”, de Baccega (2009), contribuiu para a ampliação do conceito sobre a comunicação na educação, a educação, e para uma tomada de consciência que precisamos tornar as aulas mais interativas, dinâmicas e, conseqüentemente, mais interessantes e próximas ao tempo dos alunos. Nas salas de aulas, nos deparamos com situações que, não raramente, possibilitam a forma tradicional de ensino, ou seja, o professor e o livro didático como únicas formas de disseminação do conhecimento-aprendizado. O artigo fundamenta o campo da comunicação/educação como um espaço para os professores implementarem suas aulas e despertarem para a formação baseada em sentidos sociais. Trabalha também algumas características da comunicação/educação e incentiva as práticas comunicacionais nas escolas. Baccega (2009) conclui que a educação voltada para a comunicação é capaz de gerar sujeitos mais críticos e preparados para o mundo.

Nosso tempo *efetivo* é o mesmo e nessa condição tanto a angústia de nossos limites - aparentemente cada vez mais estreitos - como também nossa possibilidade de reorganização, de nova edição do mundo pautado e editado pela mídia, se embatem. Somos atropelados pelo desfile infundável de fatos escolhidos para compor a narrativa do mundo metonímico que nos é dado a conhecer.

Por isso, sobrelevam-se a competência para a escolha de fatos apresentados e a inter-relação entre eles. Esse é um processo que tem de ser rápido. Para tanto, é preciso devolver o lugar de honra que já tiveram as ciências humanas e sociais, bases da formação geral e humanística. Elas são necessárias para a formação de sujeitos conscientes e críticos, objetivo de todo processo educacional desenvolvido no campo comunicação/educação. São essas mesmas ciências, em conjunto, que conformam o campo como um todo e possibilitam enfrentar esse desafio central na formação de cidadãos. (BACCEGA, 2009, p. 07).

O artigo Baccega (2009) despertou nosso interesse para as transformações que o mundo passa e que, muitas vezes, não se refletem na sala de aula. Vivemos um mundo em que o celular não sai de nossas mãos, mas na sala de aula ele não é usado como ferramenta de ensino-aprendizado. Através da leitura dos desafios propostos pela autora, passei a refletir o quanto é importante o professor mudar ou implementar seus métodos didáticos.

Dessa forma, a atividade vivenciada neste artigo foi realizada com as turmas dos terceiros anos do Colégio Antônio Alves Ramos. Os alunos leram os contos “Amor”, “Felicidade clandestina” e “Feliz Aniversário” de Clarice Lispector, depois foram convidados a identificarem os temas apresentados nos textos, a partir de discussões em grade grupo, produzirem *fazines* que representassem esses temas e deveriam entregá-los para qualquer pessoa da escola, aluno, funcionário ou professor.

## **EXPLORANDO A TEMÁTICA: VIDA E OBRA DE CLARICE LISPECTOR**

O crítico de arte literária Antônio Candido faz uma extensa apresentação da vida e obra de Clarice Lispector, revelando que a escritora nasceu na Ucrânia, em 1920. Seus pais imigraram para o Brasil no ano seguinte e após curta estada em Maceió, a família mudou-se para Recife. Com doze anos, Clarice acompanhou o pai e os irmãos rumo ao Rio de Janeiro, pois a mãe falecera três anos antes. Trabalhou como jornalista e seu primeiro livro, “Perto do coração selvagem” foi publicado em 1944.

A trajetória artística de Clarice Lispector a situa fora dos padrões tradicionais da literatura brasileira. Desde sua primeira obra, a escritora desenvolveu um tipo inconfundível de ficção, assinalando novos elementos temáticos e procedimentos narrativos, tais como, o interesse em desvendar a existência subjetiva das personagens, o intenso intimismo, a utilização do monólogo interior e o fluxo de consciência, revelando a sondagem psicológica, o uso da epifania, a preferência pelo universo feminino e, particularmente nos contos, o peso da introspecção diminui e situações humanas mais concretas, ligadas quase sempre a questões familiares ou sociais, ganham mais relevância.

Tive verdadeiro choque ao ler o romance diferente que é *Perto do Coração Selvagem*, de Clarice Lispector, escritora até aqui completamente desconhecida para mim. Com efeito, este romance é uma tentativa impressionante para levar a nossa língua canhestra a domínios pouco explorados, forçando-a a adaptar-se a um pensamento cheio de mistério, para o qual sentimos que a ficção não é um exercício ou uma aventura afetiva, mas um instrumento real do espírito, capaz de nos fazer penetrar em alguns dos labirintos mais retorcidos da mente (...). Clarice Lispector nos deu um romance de tom mais ou menos raro em nossa literatura moderna (...) dentro de nossa literatura é performance da melhor qualidade (...). A intensidade com que sabe escrever e a rara capacidade da vida interior poderão fazer desta jovem escritora um dos valores mais sólidos e, sobretudo, mais originais de nossa literatura, porque esta primeira experiência já é uma nobre realização (CANDIDO, 1970, p. 131).

Pode-se afirmar que a biografia de Clarice é tão interessante quanto sua produção literária, pois a escritora destacou-se tanto na sua vida, como uma grande intelectual de sua época, preocupada com a realidade dos indivíduos e da sociedade em que viviam, quanto na qualidade de seus textos. Seus contos são repletos de temáticas inusitadas que revelam uma multiplicidade de leituras as quais, longe de esgotar o texto seus temas, provocam novas reflexões e a sensação de que ainda há muito mais por desvendar.

## O EIXO LEITURA NA BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo para os professores da Educação Básica, que define o conjunto de aprendizagens essenciais para os alunos, também lhes atribui competências e habilidades específicas, que deverão ser capazes de desenvolver a leitura. Os componentes Língua Portuguesa e Literatura da BNCC são encarregados de proporcionar aos estudantes experiências no Eixo Leitura, de forma que, as práticas de linguagem, que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sejam exemplos de leituras para a fruição estética de textos e obras literárias. Para a BNCC o aluno deverá

ler, escutar e produzir textos orais, escritos e multissemióticos que circulam em diferentes campos de atuação e mídias, com compreensão, autonomia, fluência e criticidade, de modo a se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos, e continuar aprendendo, além de vivenciar experiências significativas com práticas de linguagem em diferentes mídias (impressa, digital, analógica), situadas em campos de atuação social diversos, vinculados com o enriquecimento cultural próprio, as práticas cidadãs, o trabalho e a continuação dos estudos (BRASIL, 2017, p. 484).

Dessa forma a BNCC exige a construção de um aluno-leitor autônomo e crítico de sua realidade, para que possa interagir, em um processo contínuo de leitura e aprendizado, com a sociedade e cumprir seu papel de cidadão.

## RELATO DA EXPERIÊNCIA

A atividade iniciou com a proposição da leitura dos contos de Clarice Lispector e após isso, os alunos foram convidados a discutirem sobre as temáticas encontradas nos textos. No conto “Amor”, por exemplo, que apresenta a história de Ana, mulher casada e com dois filhos, que se descobre infeliz na situação de esposa e mãe. O enredo revela um contexto em que os alunos descobriram a infelicidade na escolha de uma vida que a personagem não desejara. Ana representa um grupo de mulheres, cuja vida resume-se às tarefas de casa e aos cuidados dos filhos e do marido, mas isso não era um desejo seu, que acabou se tornando o destino ao qual a sociedade e a família lhe reservaram. Dessa forma, a personagem sofre pelas imposições que o mundo lhe designou.

Um pouco cansada, com as compras deformando o novo saco de tricô, Ana subiu no bonde. Depositou o volume no colo e o bonde começou a andar. Recostou-se então no banco procurando conforto, num suspiro de meia satisfação.

Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. Mas o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador (LISPECTOR, 1998, p. 20).

Os reflexos de uma sociedade patriarcalista, em que o homem é o determinante da relação em família e a mulher cumpre as funções determinadas por ele, também foi um outro tema encontrado no conto “Amor”, pois o marido, apesar de ser amável, é quem pega Ana pela mão e a conduz de volta à sua rotina, levando-a para o quarto e afastando-a da possibilidade de viver uma vida diferente da que vivia. Jameson (1992, p. 90) acredita que, “a História é o que fere, o que recusa o desejo e impõe limites inexoráveis ao indivíduo e à práxis coletiva”, ou seja uma sociedade historicamente constituída de forma patriarcal, com uma herança cultural adquirida ao longo de sua existência, e, ainda, sob a influência de ideias retrogradadas e encobertas pela ideologia de gênero, gera indivíduos que sofrem pela impossibilidade de mudanças, como ocorre com a personagem Ana, da mesma forma, Bourdieu (2009, p. 45) acrescenta que, “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”.

Ela continuou sem força nos seus braços. Hoje de tarde alguma coisa tranquila se rebentara, e na casa toda havia um tom humorístico, triste. É hora de dormir, disse ele, é tarde. Num gesto que não era seu, mas que pareceu natural, segurou a mão da mulher, levando-a consigo sem olhar para trás, afastando-a do perigo de viver. (LISPECTOR, 1998, p. 21)

No conto “Felicidade Clandestina”, a narradora-personagem, era apaixonada por livros e conta como leu “As reinações de narizinho”, de Monteiro Lobato. Nesta história os alunos identificaram o amor pela leitura e tudo o que a personagem fez para poder ler o livro.

Como casualmente, informou-me que possuía as reinações de Narizinho, de Monteiro Lobato. Era um livro grosso, meu Deus, era um livro para se ficar vivendo com ele, comendo-o, dormindo-o. E completamente acima de minhas posses. Disse-me que eu passasse pela sua casa no dia seguinte e que ela o emprestaria. Até o dia seguinte eu me transformei na própria esperança da alegria: eu não vivia, eu nadava devagar num mar suave, as ondas me levavam e me traziam. (LISPECTOR, 1998, p. 10)

A narradora deseja intensamente o empréstimo do livro, que pertencia a uma colega, que passou a negar a disponibilidade da obra, mentindo que o livro não estava com ela. Todo dia a narradora ia até a casa da colega para pegar o livro e tinha sempre o empréstimo negado. O sofrimento da leitora acaba, quando a mãe da colega descobre a maldade da filha e empresta o livro desejado à ansiosa leitora. Nesta parte da história os alunos identificaram o *bullying* sofrido pela narradora, que é humilhada diariamente pela colega.

No dia seguinte fui à sua casa, literalmente correndo. Ela não morava num sobrado como eu, e sim numa casa. Não me mandou entrar. Olhando bem para meus olhos, disse-me que havia emprestado o livro a outra menina, e que eu voltasse no dia seguinte para buscá-lo. Boquiaberta, saí devagar, mas em breve a esperança de novo me tomava toda e eu recomeçava na rua a andar pulando, que era o meu modo estranho de andar pelas ruas de Recife. Dessa vez nem caí: guiava-me a promessa do livro, o dia seguinte viria, os dias seguintes seriam mais tarde a minha vida inteira, o amor pelo mundo me esperava, andei pulando pelas ruas como sempre e não caí nenhuma vez. Mas não ficou simplesmente nisso. O plano secreto da filha

do dono de livraria era tranquilo e diabólico. No dia seguinte lá estava eu à porta de sua casa, com um sorriso e o coração batendo. Para ouvir a resposta calma: o livro ainda não estava em seu poder, que eu voltasse no dia seguinte. Mal sabia eu como mais tarde, no decorrer da vida, o drama do “dia seguinte” com ela ia se repetir com meu coração batendo. E assim continuou. Quanto tempo? Não sei. Ela sabia que era tempo indefinido, enquanto o fel não escorresse todo de seu corpo grosso. Eu já começara a adivinhar que ela me escolhera para eu sofrer, às vezes adivinho. Mas, adivinhando mesmo, às vezes aceito: como se quem quer me fazer sofrer esteja precisando danadamente que eu sofra. (LISPECTOR, 1998, p. 11)

No conto “Feliz aniversário”, a personagem principal D. Anita comemora seu aniversário de 89 anos com os filhos, noras e netos. A festa foi organizada por Zilda, filha responsável em cuidar da mãe, que precisava mostrar a todos que seu trabalho estava sendo feito com total dedicação.

Zilda, a dona da casa, arrumara a mesa cedo, enchera-a de guardanapos de papel colorido e copos de papelão alusivos à data, espalhara balões sungados pelo teto em alguns dos quais estava escrito “Happy Birthday!”, em outros “Feliz Aniversário!”. No centro havia disposto o enorme bolo açucarado. Para adiantar o expediente, enfeitara a mesa logo depois do almoço, encostara as cadeiras à parede, mandara os meninos brincar no vizinho para não desarrumar a mesa. E, para adiantar o expediente, vestira a aniversariante logo depois do almoço. Pusera-lhe desde então a presilha em torno do pescoço e o broche, borrifara-lhe um pouco de água-de-colônia para disfarçar aquele seu cheiro de guardado - sentara-a à mesa. E desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa. (LISPECTOR, 1998, p. 31)

Durante a leitura do conto, os alunos perceberam que a festa seria uma forma de disfarçar o desprezo e abandono votados à senhora, que só era visitada uma vez por ano pelos familiares, no dia de seu aniversário. D. Anita não esconde o desprezo pelos filhos noras e netos e percebe que tudo não passa de uma grande farsa.

Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente à cadeira, desprezava-os. E olhava-os piscando. Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspiisse. (...) Mas, piscando, ela olhava os outros, a aniversariante. Oh o desprezo pela vida que falhava. Como?! como tendo sido tão forte pudera dar à luz aqueles seres opacos, com braços moles e rostos ansiosos? Ela, a forte, que casará em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagará os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria. Como pudera ela dar à luz aqueles seres risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram; uns comunistas. Olhou-os com sua cólera de velha. Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão. (LISPECTOR, 1998, p. 33)

Os alunos identificaram que a velhice aparece como uma forma de empecilho para as pessoas, que é identificado na forma como os familiares tratam D. Anita.

Após a leitura e identificação dos temas encontrados nos contos, o que consistiu um primeiro passo, os alunos foram instruídos à confecção prática do *fanzine*. No segundo passo, o que definimos com a produção do *fanzine*, foi utilizada uma folha de tamanho A4, indicado as dobraduras, cortes e numerações das páginas nos locais adequados para a perfeita diagramação do *fanzine*. Depois desse momento, em um terceiro passo, os alunos tiveram liberdade para expressar os temas encontrados nos contos individualmente ou em dupla, seja através de desenhos, palavras ou frases que revelassem a interpretação que obtiveram dos contos. A seguir, alguns *fanzines* elaborados pelos alunos são apresentados:

**Figura 1** - *Fanzines* desenvolvidos pelos alunos



Fonte: Registro do professor.

Finalmente, o último passo da atividade contemplava a interação entre alunos, funcionários e professores do Colégio Antônio Alves Ramos, pois nesse momento os alunos deveriam entregar os *fanzines* para qualquer pessoa da escola durante o intervalo das aulas. Essa interação social gerou

uma aproximação muito interessante entre a atividade proposta em sala de aula e a disseminação e discussão dos temas abordados pelos trabalhos dos alunos, pois alunos, funcionários e professores demonstraram grande interesse e curiosidade nas mensagens, sejam através das imagens, palavras ou frases, transmitidas pelos *fanzines*, gerando, dessa forma, uma sucessão de reflexões a respeito da situação da mulher em sociedade, as escolhas da vida, a persistência de traços de uma sociedade patriarcalista, o amor pela leitura, o *bulling*, o desprezo e o abandono dos idosos.

Na sociedade em midiatização, a interação se manifesta mais claramente como um fluxo sempre adiante. Com a emissão de uma mensagem, seja televisual, cinematográfica ou por processos informatizados em rede social, o “receptor”, após apropriação de seu sentido (o que implica a incidência das mediações acionadas), pode sempre repor no espaço social suas interpretações. Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções midiatizadas - cartas, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios etc. Os circuitos aí acionados - muito mais abrangentes, difusos, dife-ridos e complexos - é que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social. (BRAGA, 2001, p. 07)

As entregas dos *fanzines* se deram no intervalo entre as aulas do Colégio Antônio Alves Ramos, momento de descontração em que os alunos têm alguns instantes para relaxar e fazerem seus lanches. Esse recreio foi muito interativo, pois todos estavam empenhados e empolgados em mostrar para os colegas, funcionários e professores os trabalhos realizados durante as aulas de literatura. A ação desenvolvida comprovou a afirmação de Campos (2009) que dizia que “o *fanzine* é um estímulo ao uso da criatividade e do caráter de produção autônoma e vem a ser não só um “coringa” na sala de aula, mas uma forma de trabalhar qualquer disciplina de forma reflexiva, consciente e divertida”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do uso do *fanzine* como ferramenta de leitura, interação, comunicação e interpretação, nos contos de Clarice Lispector, foi muito gratificante. Desde que a ideia surgiu, acreditávamos que a participação dos alunos seria efetiva, e de fato isso se concretizou, pois todos se mostraram muito interessados pela proposta da atividade, que acabou sugerindo uma forma mais estimulante, divertida e incentivadora à leitura e interpretação dos textos. Os alunos se tornaram sujeitos questionadores das temáticas apresentadas nos contos, o que compreendemos através da coerência dos significados encontrados nos textos e expressados através dos desenhos, palavras e frases identificados nos *fanzines*.

O trabalho foi realizado a partir da leitura dos contos de Clarice Lispector, que representam uma grande complexidade de interpretação, pois a autora mergulha no universo da subjetividade, dos dramas pessoais e do intimismo de suas personagens, mas percebemos que através da produção dos *fanzines* e da interação entre alunos, funcionários e professores, os temas abordados se tornaram mais claros e de melhor entendimento por parte dos alunos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. M. B. **O método autobiográfico como produtor de sentidos: a invenção de si**. *Actualidades Pedagógicas*, n. 54, p. 13-28, 2009.
- BACCEGA. **Comunicação/educação e a construção de nova variável histórica**. *Revista Comunicação & Educação*, USP. São Paulo. v. 14, n. 3, p. 19-28, 2009.
- BRAGA, J. L. **Constituição do Campo da Comunicação**. In FAUSTO NETO, A. et al. (orgs.): *Campo da Comunicação*. João Pessoa: UFPB, 2001.
- BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helene Kühner, 6. ed., RJ: Bertrand Brasil, 2009.
- CAMPOS, F. R. **Fanzine: da publicação independente à sala de aula**. *III Encontro Nacional sobre Hipertexto*, Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <https://bit.ly/3NCMILq>. Acesso em: 05 out. 2021.
- CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1970.
- JAMESON, F. **O Inconsciente Político: a narrativa como ato socialmente simbólico**. São Paulo. Ed. Ática, 1992.
- LISPECTOR, Clarice. **Felicidade Clandestina e Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco. 1998.
- MAGALHÃES, H. **A mutação radical dos fanzines**. Artigo apresentado no XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - BH/MG - 2 a 6 Set 2003.
- SOARES, I. O. **Educomunicação e Educação Midiática: vertentes históricas de aproximação entre Comunicação e Educação**. *Revista Comunicação & Educação*, USP. São Paulo. v. 19, n. 2, p. 15-26, 2014.
- VARGAS, S. **Literatura uma aprendizagem de prazer**. Rio de Janeiro: Olympio, 1993.